



MAURICE GIRODIAS
**O PROCESSO
KIS
SIN
GER**

COM INTRODUÇÃO DE
JOAQUIM VITAL



Montag

ÍNDICE

5

Cinco notas iniciais

13

Maurice Girodias
JOAQUIM VITAL

33

O processo Kissinger
MAURICE GIRODIAS

121

Bibliografia &
Iconografia

122

Índice Remissivo



In Reply, Please Refer to
File No.

UNITED STATES DEPARTMENT OF JUSTICE
FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION
New York, New York
SEP 12 1973

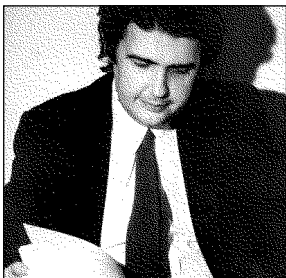
Maurice John Girodias

A representative of Immigration and Naturalization Service, 20 West Broadway, New York, New York, advised that Maurice John Girodias, last arrived in the United States, March 1, 1973, New York City, under French Passport number 732460. This passport was issued to Kahane Girodias, Maurice John, born April 12, 1919, Paris, France.

Mr. Girodias' employment listed as the Olympia Press and Delaware Corporation, 220 Park Avenue South. His residence is listed as 222 West 23rd Street, New York, New York.

A review of the records of the Credit Bureau of Greater New York reflected that Maurice John Girodias is associated with the Olympia Press, 220 Park Avenue South. His current address was listed as 222 West 23rd Street, New York, New York. His previous residence was listed as 36 Gramercy Place, New York, New York.

ALL INFORMATION CONTAINED
HEREIN IS UNCLASSIFIED
DATE 2/19/92 BY 9803 RDD/KAA



JOAQUIM VITAL
(LISBOA, 1948-2010)

Depois de preso pela PIDE, com 18 anos, exila-se na Bélgica, onde vive até 1973, ano em que se muda para Paris. Ai funda, em 1976, as Éditions de La Différence, que se tornam, em breve, numa plataforma de divulgação da literatura portuguesa em França, tendo a colaboração assídua de Júlio Pomar como ilustrador e capista. Publica e divulga em França autores portugueses como Eça de Queirós, Fernando Pessoa, Fernão Mendes Pinto, Mário de Sá-Carneiro, Sophia de Mello Breyner, Virgílio Ferreira (que conquista o

prémio Femina em 1990), Eugénio de Andrade, Urbano Tavares Rodrigues, Vasco Graça Moura, Maria Judite de Carvalho ou Mário Cláudio. Em 2004 publica *Adieu à quelques personnages*, memória dos escritores e artistas com quem colaborara, em que inclui um texto sobre Girodias, cujas memórias e este *L'affaire Kissinger* tinham sido publicados por si. Tal como Girodias, tem morte súbita, quando visitava Lisboa na Primavera de 2010. Postumamente, publicou-se em Portugal a tradução de um livro de relatos seus de 2008, *La vie et le reste (A vida e o resto*, Vega, 2011).



MAURICE GIRODIAS
(PARIS, 1919-1990)

Filho de Jack Kahane, editor inglês radicado em Paris, cuja Obelisk Press publicou (em inglês) Joyce, Durrell ou Miller (com 15 anos, desenha a capa para o *Tropic of Cancer* deste). Adota o nome de solteira da mãe, menos conspicuamente judeu, após a ocupação alemã. Funda as Éditions du Chêne em 1941. Depois da venda destas à Hachette, e na senda da Obelisk, funda em 1953 a Olympia Press, que publica em inglês literatura erótica e pornográfica proibida nos EUA e no Reino Unido para um público de leitores constituído pelos milhares de

turistas, expatriados e soldados americanos e ingleses em trânsito na capital francesa, mas também algumas das mais importantes obras da literatura de vanguarda de meados do século XX, de autores como Beckett, Burroughs ou Nabokov, cujo *Lolita* (recusado por todos os editores americanos e ingleses) faz dele um homem rico durante alguns anos. Ganha a reputação de mau pagador a autores cada vez mais famosos. Maus investimentos (uma lendária *boîte* parisiense, a Grande Séverine), condenações em tribunal e o fim da censura férrea nos EUA e no Reino Unido ditam a sua falência. Parte para Nova Iorque em 1967, mas a sorte não volta a sorrir-lhe. Regressa a França em condições dramáticas em 1977. Depois do sucesso dos dois primeiros volumes de memórias, em 1990, morre nesse ano de ataque cardíaco, quando dava uma entrevista.



CINCO NOTAS INICIAIS

*J'avais peut-être
un besoin naturel de censure...*

Maurice Girodias

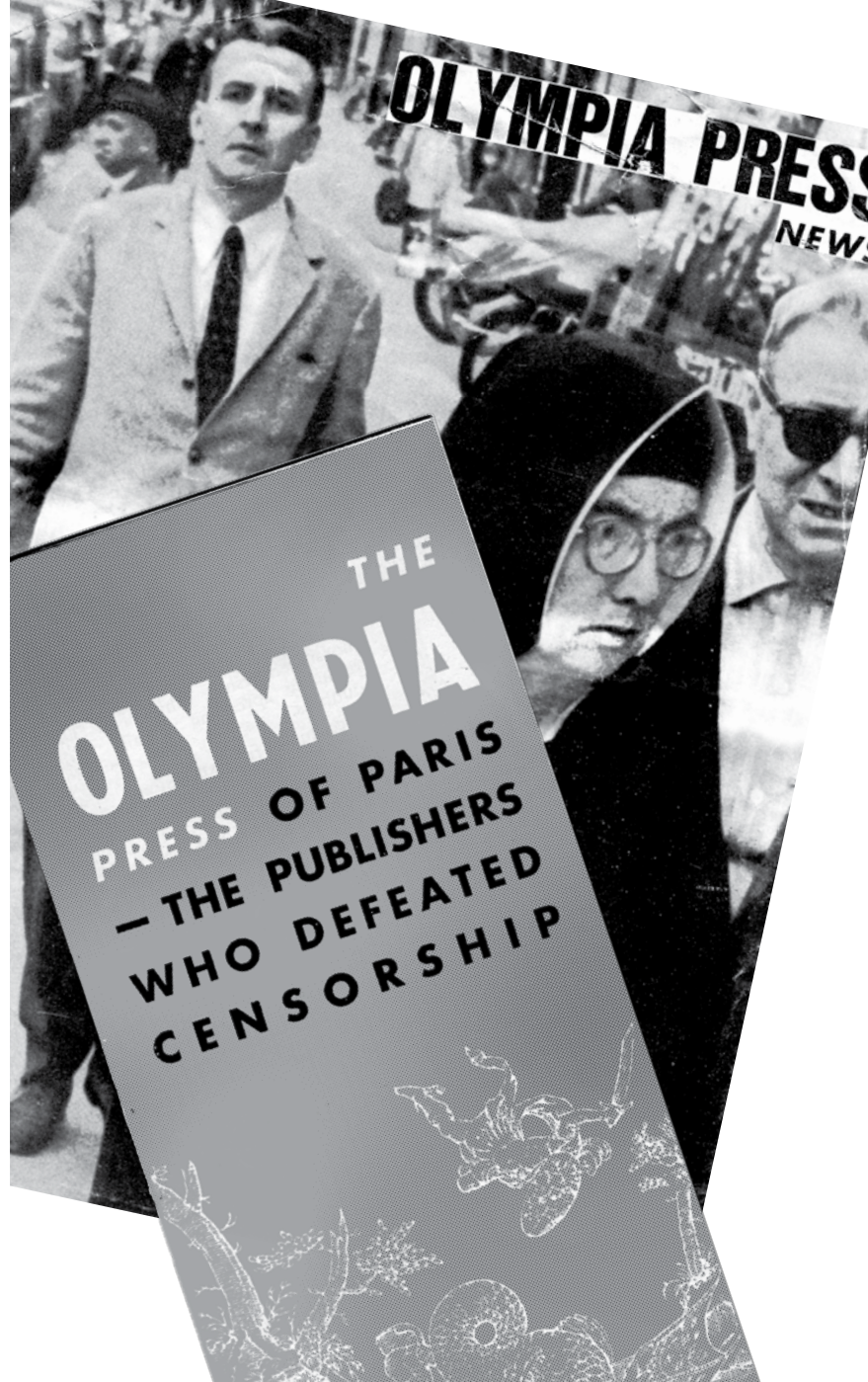
1. É esta edição não mais do que o resultado de um *coup de foudre* tido, há largos anos, com a leitura da que é, certamente, uma das melhores biografias de um editor ou de uma casa editorial jamais dadas à estampa: *The Good Ship Venus* de John de St. Jorre, o relato da louca, excitante, por de mais notável e assaz amarga história da Olympia Press de Paris e do seu timoneiro, Maurice Girodias (*né* Kahane, 1919-1990), livro importante também por ter sido na sua investigação que se revelou a verdadeira identidade da misteriosa Pauline Réage, a pseudónima autora de *Histoire d'O*, cuja primeira tradução inglesa fora publicada pela Olympia.

Na impossibilidade prática de poder apresentar ao leitor português uma edição desse livro, dada até a sua envergadura, perante a mesma impossibilidade de trazer à língua portuguesa as volumosas e picantes memórias do editor, sob o título genérico de *Une journée sur la Terre* (até porque incompletas, como se lerá no texto introdutório de Joaquim Vital, seu editor), procurou-se partilhar e retribuir essa distante descoberta com a publicação deste relato não menos louco, excitante e assaz amargo

de como a carreira do providenciador parisiense da literatura proibida em Londres ou Nova Torque no imediato pós-guerra chegou ao fim, do outro lado do Atlântico.

2. À imagem de uma foto que dele tirou Robert Doisneau, a figura de Girodias não é, contudo, bem longe disso, de uma lisura unidimensional, caricatural, apresentando-se antes com zonas de sombra algo incômodas (em particular, a sua sobrevivência durante a Ocupação), um lado secreto de uma das mais fascinantes figuras ligadas à edição no século XX que só o complemento com a leitura de outro livro admirável sobre ele, ou em que ele é personagem central – *Une fille*, relato autobiográfico escrito pela sua filha Juliette Kahane – permitirá dar a conhecer ao leitor curioso.

Se é inegável a sua coragem face à censura durante as IV e V Repúblicas francesas, se a sua luta em tribunal contra as acusações de pornografia a um romance que ele achava meritório do apoio e do brutal sacrifício financeiro (e sem grande ajuda de um autor que não nutria por ele qualquer simpatia), *Lolita*, lhe deu folga para usar o título de “o editor que derrotou a censura” (como rezava um catálogo da Olympia de 1962), é também certo que, como descobriu e nos mostrou Juliette Kahane, o jovem editor sob a Ocupação alemã e o governo de Vichy não mostrou então a mesma coragem face às autoridades, preocupado que estava em levar a sua primeira editora avante e prosperar, numa olímpica equidistância face a opressores e resistentes, mesmo que isso significasse publicar um ou dois títulos inócuos que agradassem à propaganda pró-alemã ou anti-semita para poder ter acesso



a papel de qualidade, rigorosamente racionado. Como escreve ainda a sua filha, a obsessão de Girodias pela *Metamorphose* de Kafka, que descobriu no final da guerra, pode ter-se devido ao facto de se aperceber que a sua era a história de Gregor Samsa “ao contrário”: a criatura de uma passividade repelente face à opressão ditatorial transforma-se num corajoso resistente à férrea censura e ao acosso policial e judicial na França do pós-guerra. Poderá ler-se o seu comportamento perdulário, por vezes quase auto-destrutivo, de uma ingenuidade adolescente face à sua actividade, como uma expiação inconsciente dessas faltas?

3. É de notar a surpreendente actualidade do texto, produto de uma época, como a nossa, de alta ansiedade política e social, testemunho de dias de pleno processo de *impeachment* do Presidente dos Estados Unidos, numa Nova Iorque em total estado de ruptura e, para um estrangeiro sem o *green card*, sob a permanente ameaça de expulsão do país. As cenas passadas entre os miseráveis imigrantes ilegais, prontos para a deportação, falam-nos ainda com uma urgência arrepiante e são a prova de que até um prosador tão *blasé* e cultor da fina ironia como Girodias consegue escrever com as entranhas: é o medo da exclusão, do isolamento e do fim de uma vida, ou do sonho que a alimentou durante décadas, que ali lemos.

4. Crónica crepuscular, relato minucioso de um dos mais espectaculares finais de carreira de um editor (carreira já de si propensa a maus e tristes fins), este livro é-o também da grande era dos *paperbacks*, entre o final da

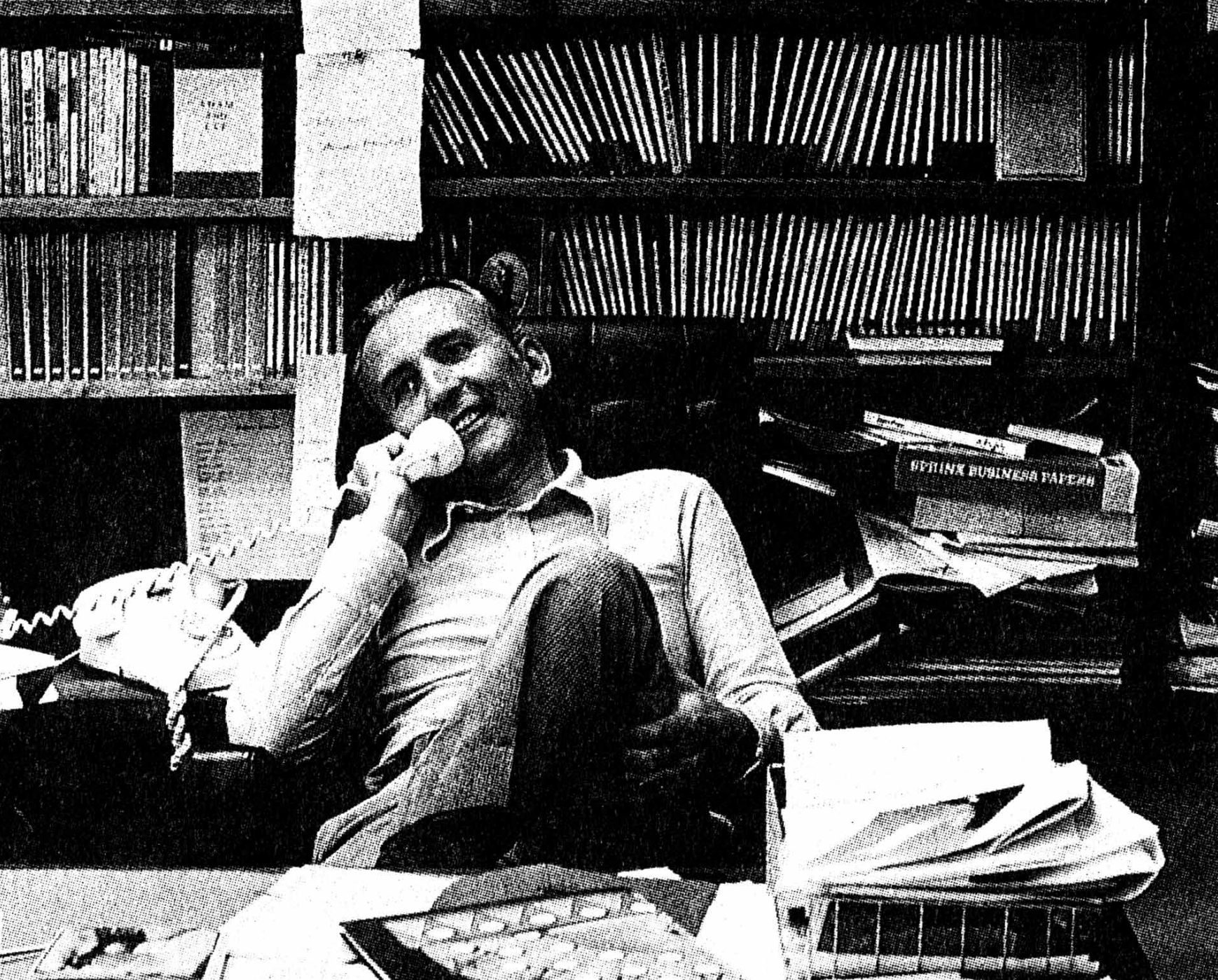
II Guerra Mundial e a década de 1970, e da miríade de editoras publicando para nichos de mercado de centenas de milhar de leitores. Nos EUA, no final dos anos 60, Girodias lançou a marca Olympia nesse caldeirão, conseguindo ainda, entre títulos menores de *sexplotation*, marcar pontos com o *S.C.U.M. Manifesto* de Valerie Solanas, pouco depois de esta disparar sobre Andy Warhol (1968, do qual um excerto chegou a ser publicado em Portugal pela Dom Quixote em 1971, antes da edição da Fenda em 2001) e *Inside Scientology* (1972), o primeiro testemunho sobre a verdadeira e insidiosa natureza da Cientologia, um livro que, como se verá, lhe custou muito caro.

“Vítima” do amaciamento da censura à literatura – contra a qual ele lutara na frente de batalha nas décadas de 1950 e 60, mas que era, ao mesmo tempo, a *raison d'être* do seu projecto de edição – vítima, sobretudo, de si mesmo, Girodias acabou por sê-lo também, finalmente, de uma conjugação de adversários bem mais duros e ardilosos do que os juízes franceses.

5. Para a introdução, em vez do texto de Philippe Sollers que abre a edição original de *L'affaire Kissinger*, optou-se pelo testemunho do amigo e editor de Girodias, Joaquim Vital (1948-2010), publicado num belo volume de memórias, *Adieu à quelques personnages*.

Resta esperar que os leitores francófonos mais inflexíveis percebam que as claras alusões kafkianas no relato explicam a tradução do título, em que “processo” se preferiu a “caso”.

O EDITOR



Maurice Girodias

JOAQUIM VITAL

O TELEFONE TOCOU às dez e meia da noite.

– Aqui Philippe Sollers. Estou a incomodá-lo?

Foi a primeira vez que Philippe Sollers ligou para a minha casa do Boulevard de Clichy, e foi também a última.

– Não, já jantei. Que se passa?

– O nome Girodias diz-lhe alguma coisa?

– Miller, a luta contra a censura, Beckett, Nabokov, Burroughs...

– Aleluia! Receava que já ninguém se lembrasse. Sabia que ele está a escrever as memórias e que procura um editor?

– E porque é que vocês não as publicam na Gallimard?

– O Claude puxou-me as orelhas. “Girodias? Um processo, dez processos, cem processos!” Por ali nem pensar. Quer que lhe dê o seu contacto?

– Ao Claude Gallimard?

– Não. Ao Girodias.